

## **I COLÓQUIO PAULO FREIRE E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

### **A ESCOLA FAZ SENTIDO PARA OS SUJEITOS QUE A COMPÕEM?**

Aline Enaile E. Ferreira Tomaz<sup>1</sup>

*“Educar é impregnar de sentido o que  
fazemos a cada instante!  
(Paulo Freire)*

Meu tempo como estudante na escola do ensino fundamental, médio e graduação mostra que as definições referentes à escola contidas em documentos como Referenciais Curriculares Nacionais, Parâmetros Curriculares Nacionais, os Regimentos Internos das Instituições Escolares, não têm feito sentido na prática. A teoria está distante da prática e o que percebo é que há muito tempo a escola não tem feito sentido na vida dos sujeitos que a compõem. Ela parece um mundo à parte, não conseguindo se ligar às experiências do cotidiano de seus estudantes, a não ser no que diz respeito a preparar mão de obra para o mercado de trabalho e para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), que hoje substitui os vestibulares.

Diante das minhas percepções enquanto estudante, algumas inquietações giravam em busca de uma escola que fizesse algum sentido e que não tivesse como fim apenas o preparo para a sociedade capitalista em que estamos inseridos.

Durante o curso de Pedagogia os alunos eram sempre citados como protagonistas no processo de aprendizagem e a escola como espaço de formação

---

<sup>1</sup> Graduanda do 8º período do Curso de Pedagogia e integrante do GECDiP (Grupo de Estudos Críticos do Discurso Pedagógico)

humana, mas a cada estágio vivenciado a distância entre teoria e prática aumentava. Os professores sempre eram os detentores do conhecimento e desde bem pequenas, as crianças participavam de processos avaliativos que se diziam capazes de “medir” seu conhecimento, e apenas eram preparados para futuras avaliações, trabalhando a competitividade que tanto exige o mercado de trabalho, deixando de considerar as experiências do cotidiano deles.

A escola reúne sujeitos de todos os tipos e esses sujeitos têm em sua individualidade seu modo de ser e pensar o mundo, todos carregando consigo traços e experiências de variadas culturas, ou seja, a forma de ver e pensar o mundo de acordo com o meio em que vivem, incluindo as classes sociais a que pertencem. Portanto, se faz necessário pensar nesse espaço com tanta diversidade cultural, baseado na ideia da escola como emancipação do sujeito na visão de Paulo Freire e refletir a respeito de como a escola tem lidado com essas diversidades e como elas podem auxiliar no processo de formação humana desses estudantes,

por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes que com o que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também... discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com alguns desses conteúdos. (FREIRE, 1996, p. 15)

Ainda que os conteúdos exigidos por um currículo estático sejam obrigatórios, as formas como esses são compartilhados podem e devem fazer sentido quando estão atrelados às vivências dos educandos. Considerar sua diversidade cultural e dialogar com esses conteúdos, faz com que o aprendizado realmente ocorra, permitindo aos educandos, mais uma vez, serem participantes desse processo.

Diante dos fatos, pode-se compreender que “(...) uma das razões que explicam esse descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja a atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender.” (FREIRE, 1996, p. 19) Portanto, a importância da cultura individual para o processo de aprendizagem e como esses acontecem nos espaços informais da escola, muitas vezes ou quase sempre não são percebidos, impedindo assim a “assunção” do educando.

A diversidade cultural dos estudantes se perde quando adentram a escola, pois professores não se interessam por essas diferenças e na sala todos são alunos (do latim,

a=negação; lumnus=luz), ou seja, **sem luz**.<sup>2</sup> Apesar desse significado ser rebatido por alguns filólogos, o que realmente importa aqui é pensar que durante a história da educação, foi exatamente nisso que os estudantes se tornaram: seres sem luz própria, incapazes de participar do seu processo de formação, apenas receptores de conteúdos com significados irrelevantes ou sem sentido.

Independentemente de toda a crise instaurada na educação e do que dizem as regras do “sistema” no qual está baseada a configuração da educação atual, que segue a influência capitalista do neoliberalismo ou de uma instituição que não leve em conta uma educação emancipadora, mas dominadora e castradora, o papel do docente e daqueles que formam a comunidade escolar é trabalhar por uma educação que vá além do (pré) determinado.

## Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

---

<sup>2</sup> Disponível em <http://www.portalfiel.com.br/artigo/50-a-palavra-aluno-significa-sem-luz.html>. Acesso em 10 de setembro de 2015.